

DO TEMOR AO AMOR: A VINCULAÇÃO COM O MONSTRO EM “QUE MONSTRO TE MORDEU?”

Ana Catarina SANTILLI, (PUC-SP)¹

Resumo: A proposta desse artigo é analisar como uma série audiovisual infantil pode aconselhar seu público a lidar com seus medos de forma amável e conciliadora. Em tempos em que há tanta dificuldade de se conviver com gente que pensa e se comporta de uma forma diferente da sua, em que há tantos casos de agressão motivados por preconceitos, parece urgente ensinar os mais novos a desenvolverem um olhar mais sensível e paciente para o outro. Para tal, essa pesquisa busca realizar uma análise da série infantil “Que Monstro te Mordeu?” (2014), da TV Cultura, observando o modo como as personagens monstros, tão diferentes uns dos outros, conseguem resolver seus conflitos e se vincular afetivamente.

Palavras-chave: Criança; Série; Medo; Vínculo Afetivo.

Abstract: The purpose of this article is to analyze how a children's audiovisual series can advise their audience to deal with their fears in a gentle and conciliatory way. In times when it is so hard to live with people who think and behave in different ways than ourselves, when there are so many cases of aggression motivated by prejudice, it seems urgent to teach young people to develop a more sensitive and patient look at each other. To do so, this research seeks to analyze the TV series “Que Monstro te Mordeu?” (TV Cultura, 2014), observing how the monster characters, so different from each other, can resolve their conflicts and create affective bonds.

Keywords: Kid; Series; Fear; Affective Bond.

INTRODUÇÃO

As histórias que os adultos contam sempre tiveram grande importância ao passar certas linhas de referência cultural para os mais novos. A criança está descobrindo o mundo em que vive e busca a orientação dos mais velhos para saber como o mundo funciona e como se comportar nele. Nesse aspecto, as narrativas que a criança ouve podem ajudá-la a dar ordem ao seu universo, ao mesmo tempo em que oferecem conselhos sobre como lidar com situações complicadas.

Hoje, a TV e a Internet são as principais fontes de narrativas que as crianças têm acesso. Com a falta de espaço seguro nas cidades para as crianças brincarem, com o pouco tempo que os pais têm para passearem e contarem histórias para os filhos (devido a longas jornadas de trabalho), os conteúdos disponíveis nessas mídias se tornam entretenimentos que ocupam grande parte da vida dos mais novos. Logo, essas narrativas acabam tendo um forte impacto na hora de passar algumas referências culturais, modelos de mundo e sugestões sobre como lidar com conflitos difíceis.

¹ Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. E-mail: anacatsan@hotmail.com.

O que preocupa é quando essas mídias ensinam as crianças a temerem o mundo. Muitos programas na grande mídia transmitem a ideia de que o mundo é um lugar perigoso, cheio de bandidos e vilões cruéis. Isso, a UNESCO² já pôde constatar no final dos anos 90, quando realizou uma pesquisa, coordenada por Jo Groeble (1998), sobre a percepção das crianças acerca da violência nos meios de comunicação de massa. Nesse estudo foi possível notar que grande parte do conteúdo da programação da mídia reforça a crença de que a maioria das pessoas é má, além de mostrar a agressão como uma forma eficaz de resolver um conflito. Groebel também pôde reparar que metade das crianças que participaram da pesquisa se encontrava ansiosa na maior parte do tempo. Portanto, é preciso pensar sobre como essa percepção afeta o modo como as pessoas se relacionam com o mundo. Será que não é possível pensar em conteúdos infantis que passem outro tipo de percepção, que aconselhem seu público a lidar de forma diferente com seus medos, e a se relacionar de forma mais amorosa com os outros?

O presente trabalho está atrelado com a dissertação “Criança, narrativa e amor”, defendida no mês de junho de 2018 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com a orientação da Prof.^a Dra.^a Jerusa Pires Ferreira. O objetivo da dissertação foi buscar entender como uma narrativa audiovisual pode tratar o amor entre suas personagens, de uma forma que possa inspirar seu público a buscar por relações mais gentis e atenciosas com o mundo e com as pessoas. No mestrado, o *cópus* usado para o estudo foi uma animação japonesa. Dessa vez, a série que serve como referência é “Que monstro te Mordeu?” (2014), da TV Cultura, e o foco do artigo é entender como essa série pode aconselhar as crianças a lidarem com seus medos por meio da vinculação afetiva, ou seja, pelo amor.

AGRESSIVIDADE HUMANA

Diminuir a violência, apaziguar as relações humanas, melhorar a nossa convivência tem sido um desafio que a humanidade tem se proposto a alcançar nas últimas décadas. Diante de tantos massacres, genocídios, guerras devastadoras que vislumbramos desde o século passado, essa medida parece urgente.

Contudo, ainda recebemos, constantemente, diversas notícias sobre guerras, terrorismos, tiroteios e agressões cruéis que acontecem entre seres humanos. No Brasil,

² Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

particularmente, nos últimos anos, é possível verificar uma lista imensa de casos de agressão que aconteceram pelo simples fato de uma pessoa não ter paciência de conviver com alguém que pensa, se posiciona e se comporta de uma maneira diferente. Muitas vezes, o “diferente” é associado a uma “ameaça” à sua existência e a seus valores. São vários os casos de ataques às religiões de matrizes africanas³, de homofobia⁴, de agressão a tribos indígenas⁵, até mesmo de xenofobia⁶ (que aumentou com a imigração de haitianos, venezuelanos e bolivianos). O discurso de ódio, com ênfase de cunho político⁷ (o que foi reforçado pelas eleições de 2018), cresceu muito no último ano, principalmente pelas redes sociais⁸.

É ainda mais preocupante quando percebemos que até as crianças e os jovens são alvos e também responsáveis por tantos casos de violência. O aumento de *bullying* nas escolas é alarmante⁹. A presença de assédios verbais e físicos no ambiente escolar já chegou até, em casos extremos, a levar uma criança ou um adolescente a tentar eliminar o agressor ou a própria vida, na busca de solucionar o conflito¹⁰.

O ódio e a agressão são inatos na espécie humana (assim como em tantas outras espécies de animais), como bem notou o etólogo Irenäus Eibl Eibesfeldt (1998). Contudo, isso não quer dizer que essa agressão e esse ódio não possam ser neutralizados, o que o autor considera de extrema importância numa época em que existem armas capazes de provocar a destruição do planeta e da humanidade. Por mais que a agressividade seja inata, o homem ainda pode recorrer à cultura e a recursos pedagógicos para amenizar certos impulsos. No entanto, Eibl-Eibesfeldt (1998, p 109)

³ Exemplos: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/a-intolerancia-religiosa-nao-vai-calar-os-nossos-tambores>. Acesso em: 15 nov.2018. / <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-registra-uma-denuncia-de-intolerancia-religiosa-a-cada-15-horas,70002081286>. Acesso em: 9 nov.2018.

⁴ Exemplo: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/publico-lgbt-sofre-mais-preconceito-em-espacos-publicos-e-no-transporte-em-sp-diz-rede-nossa-sp.ghtml>. Acesso em: 9 nov.2018.

⁵ Exemplo: <https://cimi.org.br/2018/09/relatorio-cimi-violencia-contra-os-povos-indigenas-no-brasil-tem-aumento-sistematico-e-continuo/>. Acesso em: 9 nov.2018.

⁶ Exemplo: <https://www.politize.com.br/xenofobia-no-brasil-existe/>. Acesso em: 9 nov. 2018.

⁷ Exemplo: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/12/relatos-sobre-agressoes-por-motivacao-politica-crescem-nas-redes-sociais-no-2o-turno-mostra-estudo.ghtml>. Acesso em: 9 nov. 2018.

⁸ Exemplo: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46146756>. Acesso em: 9 nov.2018.

⁹ Exemplos: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/casos-de-bullying-aumentam-8-em-escolas-estaduais-de-sp-diz-secretaria.ghtml>. Acesso em: 9 nov. 2018.
https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/06/internacional/1536229417_606822.html. Acesso em: 9 nov. 2018.

¹⁰ Exemplos: <https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2018/09/28/aluno-atira-em-colegas-de-colegio-em-medianeira.ghtml>. Acesso em: 9 nov. 2018.
<https://educacao.uol.com.br/noticias/2012/03/02/estudante-de-12-anos-comete-suicidio-em-vitoria-apos-sofrer-bullying-na-escola.htm>. Acesso em: 9 nov.2018.

não recomenda que lidemos com o nosso instinto agressivo pela repressão e pela punição. Por mais que, em parte, a repressão resolva o problema, certa disposição agressiva ainda é mantida e mais facilmente ela virá à tona, e de forma mais violenta, assim que surgir uma oportunidade para ela se libertar.

Seguindo o pensamento de Freud, Eibl-Eibesfeldt (1998, p.108) recomenda outra forma de neutralizarmos a nossa agressividade: por meio da ativação das forças que estabelecem ligações sentimentais entre os seres humanos. Ou seja, a violência pode ser evitada estimulando outro impulso natural do ser humano: o amor. Nesse caso, o amor é entendido como vínculo afetivo e pessoal que une duas existências. Trata-se do impulso natural que as pessoas têm para se conectarem umas às outras.

EMPECILHOS PARA A VINCULAÇÃO AFETIVA

O que permite um ser humano destruir outro ser humano é a indiferença afetiva, explica o etólogo e psiquiatra Bóris Cyrulnik (1995, p.103). Essa indiferença existe quando vivemos em mundos incomunicáveis: “para que a violência se imponha ao outro como um contra-senso emocional é preciso que não haja representação do mundo do outro e que a falta de comunicação impeça o contágio das emoções e das ideias”. (CYRULNIK, 1995, p.102). Ou seja, o que permite uma pessoa eliminar outra é a falta de contato, de vínculo afetivo.

O etólogo Eibl-Eibesfeldt (1998, p.125) conta como, durante a I Guerra Mundial, os soldados da frente ocidental estavam entrancheirados tão próximos da trincheira dos adversários, que, após alguns meses de calma na frente um do outro, não podiam deixar de notar que os inimigos tinham características humanas, que também passavam fome, que também sofriam. Logo, se tornavam incapazes de matar o outro; o que exigia que os generais trocassem as tropas. Reconhecer os adversários como seres humanos inibe a predisposição agressiva e desperta a disposição para estabelecermos laços de união. É o que possibilita esse reconhecimento é a aproximação física e o tempo de convívio, que tornam possível a troca de gestos, olhares e palavras, que nos sensibilizam ao outro e nos conectam.

É o reconhecimento, o contágio das emoções, o vínculo afetivo que inibem a agressividade. Mas quando existem armas capazes de matar rapidamente e a longa distância, o tempo e a aproximação física, tão importantes para que ocorra a vinculação

humana, são eliminados. As armas permitem que um homem destrua vários seres humanos (até mesmo crianças), sem ter a oportunidade de olhá-los, de ser contaminado por suas emoções, de reconhecê-los como semelhantes e de se compadecer.

Eibl-Eibesfeldt explica como a arma é um grande empecilho para o apaziguamento dos conflitos entre os seres humanos. Contudo, ele considera uma estratégia ainda mais terrível que a própria arma a capacidade do homem de rotular negativamente seus adversários. O autor explica que, “devido ao seu intelecto superdesenvolvido, os seres humanos podem se convencer que os seus adversários não são seres humanos, mas, na melhor das hipóteses, animais ou bestas; isto porque tais ‘bichos’ devem ou têm mesmo de ser mortos”. (EIBL-EIBESFELDT, 1998, p.124). Por isso que, em períodos de guerras, tantos governos insistem em fazer propagandas que disseminam a ideia de que o inimigo é um monstro cruel, que deve ser morto. “Esta capacidade que conduz à eliminação da compaixão é no fundo responsável pelo homem se tornar um assassino de sangue frio” (ibid, 1998, p.126). Segundo o etólogo, o processo de tornar os adversários em seres odiados consiste tanto em marcá-los como monstros, como despertar o medo e a desconfiança deles.

Quantos filmes americanos não disseminaram a ideia de que os alemães, os japoneses e os russos eram criaturas desumanas e cruéis? Ainda hoje muitas vezes o árabe é tratado como um monstro em filmes ocidentais. Quantos noticiários também não passam a ideia de que uma parcela marginal da população são bandidos terríveis, que devem ser combatidos? E quantos filmes, séries e animações infantis não seguem o mesmo caminho para justificar que seus heróis usem a força para derrotar os “vilões”?

O MONSTRO

A ideia de monstro costuma estar associada a um ser de aspecto aterrorizante e cruel. A figura do monstro já aparece em alguns contos de fadas. Normalmente, eles ajudam a criança a personificar (por meio de uma figura concreta) suas angústias e seus medos mais profundos¹¹, que precisam ser dominados. O “Era uma vez”, “Num Reino muito distante”, “Numa época em que os animais ainda falavam” deixam claro para a criança que essa história não se passa no aqui e agora conhecidos, mas em um plano mais profundo da nossa mente – ainda que a criança não consiga esclarecer verbalmente

¹¹ Como o medo da solidão, da rejeição, do abandonado; a insegurança, o pavor do desconhecido.

que ela reconhece esse plano simbólico (BETTELHEIM. 2017, p.90). Desse modo, os contos fantásticos agem em um campo projetivo: a criança pode projetar nessas figuras concretas e simbólicas seus sentimentos mais obscuros.

Já as séries e os filmes audiovisuais, por mais fictício que possam ser, costumam atuar em um campo mais realista. Desse modo, como Morin (1990, p.82-3) nota, os conteúdos televisivos e cinematográficos perdem certo potencial projetivo, e costumam incentivar uma identificação maior do público com as personagens, ainda mais quando os heróis são extremamente simpáticos e idealizados. Os telespectadores facilmente adotam esses heróis como modelos e buscam imitar seus penteados, suas roupas, suas frases, seus gestos e se orientam por suas condutas essenciais.

O problema acontece quando os monstros presentes nessas narrativas personificam apenas o “outro”, o extraterrestre (o estrangeiro que vem de fora), o “grande inimigo” que causa o mal e que deve ser combatido pelo protagonista. Com frequência, são seres cruéis, apavorantes e perigosos, que devem ser eliminados pelo herói. Dessa forma, eles justificam a agressão que o protagonista tem que usar para derrotar o “mal”. Inclusive, vários filmes e séries dão bastante destaque à grande luta entre mocinho e vilão, que é apresentada de forma atrativa. Muitas vezes o público fica ansioso para ver seu querido herói ficar forte o suficiente para vencer o inimigo com um superpoder em uma batalha emocionante. É preocupante quando muitos conteúdos infantis, que ajudam as crianças a construir suas referências de mundo e transmitem modelos de conduta, apresentam as personagens dessa forma dualista e mostram a agressão como única solução possível de resolver o conflito principal da história¹².

AMBIENTE

Cada vez há menos espaços para o encontro, para o estar junto em um ritual em que corpos trocam afeto e se harmonizam¹³. Várias crianças já passam grande parte do dia na escola, ou em casa, no apartamento, em um condomínio fechado, em companhia do *tablet*, do celular, do computador, com pouco contato presencial com pessoas de universos diferentes do seu. Portanto, os conteúdos presentes nesses aparatos

¹² Alguns exemplos de filmes e séries populares entre as crianças que trabalham de tal modo: “Meninas Súper Poderosas”; “Os Vingadores”, “Dragon Ball”, “Apenas um show”; “Os Incríveis”.

¹³ Um problema profundamente tratado por Vicente Romano em “Ecología de la comunicación” (2004).

tecnológicos acabam sendo responsáveis por passar referências de como o mundo externo funciona, além de passar modelos de como se comportar nele¹⁴.

Já é muito fácil para os internautas trocarem ofensas por redes sociais, ou em comentários de *blogs* e portais de notícias, a partir do momento em que não existe a proximidade física, que nos sensibiliza ao outro. Sem o olhar no olho do outro, sem perceber as expressões e os gestos, que nos dão a chance de nos reconhecermos como semelhantes (apesar de qualquer diferença cultural e ideológica), nos tornamos capazes de agredir e humilhar uns aos outros. Várias crianças têm acesso a esse ambiente virtual agressivo desde pequenas. É ainda mais preocupante quando tantas narrativas que chegam pelas mídias audiovisuais (capazes de cativar os pequenos telespectadores) também passam a mensagem de que o mundo está cheio de pessoas más, que devem se temidas e eliminadas; quando mostram que está tudo bem em usar a violência para resolver nosso conflito com o outro, que é encarado como um monstro terrível.

O VÍNCULO COM O MONSTRO EM “QUE MONSTRO TE MORDEU”?

Levando em conta o ambiente em que vivemos, é importante pensar em narrativas audiovisuais infantis que ensinem os mais novos a buscarem por relações mais pacientes, mais atenciosas e mais gentis com as pessoas que nos cercam, inclusive com aquelas que possuem costumes, hábitos, características e valores diferentes do qual a criança está acostumada. Também é fundamental pensar em histórias que ajudem a criança a lidar com seus medos e angústias sem ser por meio da agressão. Nesse momento, uma série infantil criada por Cao Hamburger e por Teodoro Poppovic, e transmitida na TV Cultura entre 2014 e 2015, servirá como um modelo para análise.

Essa série se chama “Que Monstro te Mordeu?”. Ainda hoje ela é exibida na TV Cultura, e também na TV Rá-tim-bum e no *Discovery Kids* (um dos canais mais assistidos da TV por assinatura): canais infantis cujo público-alvo é a criança pré-escolar (3 a 6 anos incompletos). Os episódios da série também estão disponíveis no *Youtube* e na *Netflix*. É válido mencionar que esse é um programa da TV Cultura que

¹⁴ Segundo Cyrulnik (1995, p.71-2), os relatos e histórias que fazemos sobre o mundo é o que ajudam as pessoas, principalmente as crianças, se estruturarem. As narrativas (mitos, romances, filmes) que fazem parte da nossa vida bloqueiam alguns comportamentos, favorecem outros; criam impressões, dão sentido às coisas: “Isto significa que os romancistas, os cineastas, os artistas, os ensaístas e outros criadores de mitos são os responsáveis pelo mundo que nos rodeia, já que os criam, bem mais que os biólogos (...)”.

teve grande aprovação de pais e pedagogos. Um dos grandes méritos da série é ensinar a criança pequena a lidar com seus “monstros”. E é isso que será analisado a seguir.

A série se passa em um universo fictício: “o monstruoso mundo dos monstros”. A premissa da história é: “toda vez que uma criança desenha um monstro, ele aparece no mundo dos monstros”. Lá vivem vários monstros diferentes, cada um mais esquisito que o outro. Cada episódio costuma tratar de um sentimento diferente, que as crianças muitas vezes têm dificuldade para entender e controlar. Ele aparece personificado na forma de um pequeno monstro, que contamina todas as personagens com esse sentimento: o medo, o ciúme, a vergonha, a soberba, o nojo, a paixão, etc.

Já é possível notar que existem dois tipos de monstros nessa série: as personagens principais e fixas, os moradores desse mundo estranho, que representam as pessoas com quem convivemos (familiares, amigos, conhecidos, vizinhos, etc.); e os monstros esporádicos, que aparecem um de cada vez em um episódio da série, e que simbolizam os nossos sentimentos. Portanto, será analisada separadamente a forma como a série aconselha seu público a lidar com esses dois tipos de monstro: os “monstros externos” e os “monstros internos”.

- **Monstros Internos**

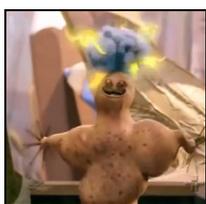
Geralmente, em cada episódio da série, a protagonista, Lali, e seus amigos começam a ser afetados por um sentimento humano muito comum e que, normalmente, as crianças pequenas têm dificuldade de entender e de controlar, como: o medo, o nojo, a ansiedade, a impaciência, a raiva, o ciúme, a culpa, o egoísmo, o consumismo, a tristeza, entre outros. O sentimento tratado no episódio costuma ser o responsável por causar alguma confusão, um desentendimento entre as personagens, que precisam reconhecê-lo e controlá-lo. No decorrer do episódio Lali e seus amigos acabam descobrindo que o responsável por espalhar esse sentimento é um monstrinho específico, que contamina os outros monstros com essa sensação.



Frescura



Soberba



Raiva



Ciúme



Culpa

Diferente das personagens principais da série, esses monstros não falam, não se comportam como os seres humanos e não convivem cotidianamente com os outros monstros. São criaturas pequenas, até mesmo imperceptíveis, que aparecem apenas no seu respectivo episódio. Elas servem para representar, em uma forma concreta, aqueles impulsos internos, que temos dificuldade de controlar racionalmente. É algo que vem do inconsciente e que precisa ser reconhecido pela nossa consciência para podermos dominar. Seria o nosso Id (a parte mais profunda da mente).

Freud (2011) explica que para a criança pequena, cujo Ego (o Eu consciente) ainda está em formação, é difícil controlar os impulsos que vêm do Id, porque tem dificuldade de entendê-los. Segundo Freud (2011, p.31), o Ego é a parte da nossa mente que lida com as percepções do mundo externo, enquanto o Id está sujeito às influências do nosso universo interno (impulsos, paixões). Nosso conhecimento está ligado à consciência do Ego (Freud, 2011, p.22). Então, para tomarmos conhecimento de algum impulso interno, para que o Ego adquira consciência de algo que vem do Id, é preciso transformá-lo em uma percepção externa por meio de uma representação exterior (visual, acústica), “o que se torna possível mediante traços mnemônicos” (ibid, p.23). Freud considera o pensamento por meio das palavras um processo mais próximo do consciente do que o pensar por imagens, que estaria mais próximo do inconsciente e é “mais antigo ontogenética e filogeneticamente” (ibid. p.26).

Contudo, o pensamento por imagens está mais de acordo com a forma da criança processar o mundo. Para ela é ainda complicado decifrar aquilo que percebe por meio de palavras e conceitos muito abstratos. No entanto, ela pode dar uma forma e um sentido às coisas que está descobrindo, por meio das explicações mágicas, das representações simbólicas, e por imagens familiares que podem servir como analogia daquilo que ainda é muito incompreensível. De tal modo, as imagens que chegam por meio das narrativas ajudam a criança a confortar-se e a sentir-se “compreendida e apreciada bem no âmago dos seus sentimentos, esperanças e angústias, sem que tudo isso tenha que ser investigado sob a luz austera da racionalidade que ainda está fora do seu alcance” (BETTELHEIM, 2017, p.29).

Portanto, “Que monstro te mordeu?” é sensível ao representar sentimentos tão comuns na vida das crianças, mas tantas vezes difíceis de serem assimilados, em uma forma concreta e personalizada. A série está ajudando a criança a conhecer esse

sentimento, ao personificá-lo¹⁵ em uma forma que ela consegue encarar, perceber e se vincular. De tal modo, em algum nível, essa história pode ajudar os pequenos a adquirirem certo domínio sobre esses impulsos tão impalpáveis.

Ainda é interessante avaliar a maneira como as personagens da série lidam com esses monstros (impulsos/sentimentos). Elas não precisam combater, nem reprimir essas criaturinhas. Normalmente, reconhecer esse sentimento, entender como ele age dentro de si pela própria experiência e dominá-lo é o suficiente para que o monstro desapareça. É o que possibilita que as personagens se conheçam melhor e possam lidar com aquilo (até mesmo com os sentimentos mais obscuros) que existem dentro de si.

Isso é muito interessante, pois a melhor forma de lidarmos com os nossos impulsos não é reprimindo-os e negando-os. Freud (2011, p.31) compara o Ego a um cavaleiro que deve controlar um cavalo muito forte, o Id, colocando freios à sua força. Porém, para não se separar do cavalo, o cavaleiro, muitas vezes, tem que conduzir o animal até onde ele quer, sem ignorar seus desejos. Do mesmo modo, o Ego não deve rejeitar os impulsos do Id, mas deve aceitá-lo e transformá-lo em vontade própria, saber como liberá-lo da melhor maneira e no momento mais propício. O Ego deve criar um elo com o Id, em vez de esconder, resistir e negar seus instintos.

Eis uma forma muito interessante que a série aconselha as crianças a buscarem assimilar seus sentimentos mais internos, a aceitá-los e se conectarem com eles. É uma narrativa que incentiva o autoconhecimento e uma forma mais harmoniosa de lidarmos com nossos impulsos e paixões mais profundos.

- **Monstros externos**

Os moradores do fictício “monstruoso mundo dos monstros”, são monstros que se comportam e falam como os seres humanos. Eles não simbolizam nenhum sentimento, mas representam as pessoas com quem convivemos e que, por vezes, podem parecer esquisitas e monstruosas ao nosso olhar. De tal modo, a maneira como a protagonista, a Lali, se relaciona com esses monstros pode aconselhar as crianças sobre

¹⁵ Segundo o psicanalista infantil Bruno Bettelheim (2017), até a puberdade o pensamento da criança é predominantemente animista. Ela se projeta em todas as coisas, que passam a ter rosto e vida. Para o psicólogo James Hillman (1993), esse processo de se projetar nas coisas, de dar “vida”, “alma”, de animá-las, é muito importante, pois é o que atribui um sentido afetivo aos elementos do mundo que nos rodeiam, o que torna possível o amor. Quando as coisas têm rosto e alma é possível criar um vínculo afetivo com elas. Quando não possuem, nos tornamos indiferentes a essas coisas, que podem ser facilmente ignoradas.

as relações interpessoais, sobre como se relacionar com outras pessoas, que podem parecer muito diferentes, estranhas e até mesmo assustadoras no primeiro contato.

Para tratar desse tema, o primeiro episódio da série oferece um material interessante para analisar. Nesse episódio, nenhum “monstrinho interno” aparece. A história se concentra no primeiro dia de Lali no “monstruoso mundo dos monstros”. Seguindo a premissa da série, Lali, uma monstra com características muito “humanas” (interpretada por Daphne Bozaski Lemos), acaba de ser desenhada (acaba de “nascer”), e acorda pela primeira vez em um mundo novo e estranho (como o mundo parece ser para criança pequena que está descobrindo o universo que a cerca).

Ela começa a explorar esse novo mundo e as possibilidades de seu próprio corpo, curiosa, mas também com certo receio. Assim que encontra novos monstros, ela fica com medo; mas, conforme vai conhecendo-os, tenta fazer amizade. A princípio, os outros monstros – Luísa (uma poltrona rosa), Dedé (uma bola de chiclete) e Gorgo (uma lata de lixo) – ficam interessados em conhecer a monstra recém-chegada. Contudo, aos poucos começam a estranhar a aparência dela, que é muito “diferente”. Repararam em algumas características “peculiares”: o “nariz pequenininho”, os olhos “doces e arredondados” e os “lábios vermelhos e delicados”. Quando ela espirra, não resta dúvida: ela é uma humana! – Na teoria dos monstros, só os humanos espirram, os monstros não. Então, todos saem correndo assustados, com medo da “humana”, o que deixa Lali chateada, excluída e totalmente sozinha.



Lali



Dedé, Gorgo e Luísa



Dr.Z

A inversão de perspectiva já é muito interessante. Se temos medo de um rato, esse rato também pode ter medo da gente. Se achamos estranha uma pessoa que tem hábitos e uma aparência diferente da nossa; essa pessoa também pode nos estranhar. Tudo depende da perspectiva. O que é normal para um sujeito, pode parecer esquisito

para outro, e vice e versa. De todo modo, ao ver a protagonista triste e sozinha, por ter sido rejeitada, o público pode se compadecer e notar como a exclusão pode ser cruel.

A notícia de uma humana estar circulando pelo vale se espalha, apavorando todos os monstros. O pensamento pré-concebido de que um humano é uma ameaça deixa todos em pânico e determinados a caçá-la. Quantas vezes um povo, convencido de que uma parcela da população representa um perigo, não chegou a cometer genocídios terríveis? É importante mostrar para a criança que não podemos ser guiados por ideias previamente concebidas sobre o outro, sem darmos a chance de conhecê-lo. E a inversão de perspectiva, nesse ponto, pode ser muito eficaz para sensibilizar o público.

Lali acaba sendo capturada por Dr.Z, um cientista que está curioso para estudar a humana (como se ela fosse um objeto), insensível ao seu medo, à sua fome e à sua sede. Logo, ele percebe que a menina possui características humanas, mas também de monstro (como as garras e o rabo), deixando-o confuso, sem conseguir classificá-la. Logo, o telespectador já pode perceber como as classificações que fazemos do mundo muitas vezes podem ser simplistas e, em alguns casos, até mesmo violentas.

Quando os monstros descobrem o paradeiro da humana, eles tentam invadir a casa do Dr.Z. Mas o assistente do cientista, Morgume, compadecido da menina, ajuda ela fugir. Em pouco tempo, Lali se encontra solitária, triste, desamparada e com a autoestima destruída: “Eles têm razão. Eu sou um lixo mesmo. Um troço que não tem nome, nem lugar”. Sem ter ninguém que lhe dê segurança e aconchego, um lugar de pertença¹⁶, a menina começa a cantar para si mesma. Na música¹⁷ ela lamenta não ter mais de um nariz, uma cicatriz apavorante, ou uma voz que cause terror, e manifesta seu anseio que alguém lhe escute. Também expressa sua vontade de querer ser mais “normal”, “exatamente igual a quem não é igual a ela”. A própria menina rejeita aquilo que lhe torna diferente e deseja se encaixar no padrão tido como “normal”.

Nesse momento, Luísa, Dedé e Gorgo ouvem a menina cantando e ficam encantados com a bela canção e com sua doce voz doce. Pela música a menina consegue tocar, comover os outros e sensibilizá-los. Logo eles se envolvem em um círculo

¹⁶ Cyrulnik (1995) fala sobre a importância do sentimento de pertença, principalmente para a criança, pois é o que lhe dá apoio e lhe permite estruturar seu mundo. “Não pertencer a ninguém é não se tornar ninguém. Mas pertencer a uma cultura é tornar-se uma pessoa única. Não podemos nos tornar muitas pessoas ao mesmo tempo sob a pena de enfrentarmos problemas de identidade” (Cyrulnik, 1995, p.75).

¹⁷ “Mais normal” – composição de Clarice Falcão para a série.

cantando e dançando juntos. Lali não está mais sozinha. É interessante que é com a canção e com sua voz que a protagonista conquista os amigos. A voz é vibração, provida de tutilidade e respiro, capaz de tocar, comover e acalmar. Segundo Paul Zumthor (2010, p.12), um corpo é representado pela voz, que dele emana, pois é a parte mais suave e menos limitada do corpo, capaz de ultrapassá-lo, em sua dimensão acústica mais variável. Pela voz comunicamos emoções, que só a palavra não daria conta. E ela permite a articulação entre um e o outro: “o som da vocalização vai de interior a interior e liga, sem outra mediação, duas existências” (ZUMTHOR, 2010, p.13). A música ainda carrega uma tutilidade rítmica capaz de envolver os corpos, que se sintonizam no mesmo tempo, no mesmo movimento e na mesma emoção.

Com sua canção doce e bela, Lali convida seus amigos a se deliciarem com sua música, a pararem para ouvi-la. É interessante reparar que ouvir é a capacidade de ser passivamente receptivo ao outro, é a capacidade de parar para sentir (BAITELLO, 1997, p17). Quando todos param para escutar a canção de Lali, há a possibilidade para a vinculação afetiva, para as personagens perceberem os sentimentos umas das outras, pelo contato da voz e do corpo. Com isso, os monstros, que antes temiam a humana, se contagiam com as emoções dela, e deixam de enxergá-la como uma ameaça.

Ainda assim, os outros monstros, que não tiveram a chance de escutar a canção, encontram a menina e tentam capturá-la. Dessa vez, ela escala uma árvore e dá um rugido monstruoso. Por fim, Dr.Z declara que a menina é uma “monstro humana”: metade monstro, metade humana. Todos acham isso esquisito, mas chegam à conclusão que todo mundo tem sua particularidade, que o faz diferente. Como Dr.Z diz: “Aqui somos todos diferentes. Por isso somos todos iguais. Somos iguais em ser diferentes. Então você é bem vinda aqui. Afinal, você é uma de nós”. Por fim, todos passam a valorizar as diferenças e se tornam amigos da “monstro humana”, do jeito que ela é.

No final do episódio, os novos amigos da menina tentam pensar em um nome pra para ela. Morgume sugere o nome “Lali”¹⁸, que todos aprovam. Então, Lali é, finalmente, reconhecida e acolhida por todos. Desse modo, a série está ensinando para a criança a dar tempo às coisas e não se afastar daquele que pode parecer assustador no

¹⁸ Cyrulnik (1995, p.76) fala sobre a importância dos nomes, pois eles vêm do outro, e são dados numa relação afetiva. Ele ainda explica que “o nome constitui o melhor demarcador da pertença porque representa a ideia que se faz de si próprio sob o olhar dos outros” (CYRULNIK, 1995, p.80).

início. Com tempo, podemos descobrir que esse ser diferente pode não ser tão assustador assim. Na verdade, pode até ser uma pessoa doce, encantadora, que pode vir a tornar-se um amigo valioso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Que monstro te mordeu?” é uma série muito sensível ao mostrar para a criança formas de lidar com seus medos e angústias de um jeito conciliatório, amável e com muita paciência. A criança pequena, que está descobrindo o mundo, costuma ter medo daquilo que lhe é estranho e pouco familiar. Ela busca a aprovação dos pais para saber se uma descoberta nova não é uma ameaça, se ela pode confiar. Quando as narrativas midiáticas têm uma forte presença na vida dos mais novos, e afetam o modo como eles encaram o mundo, devemos estar atentos ao modo como elas estão ensinando a criança a lidar com o novo, com aquilo que é diferente.

Em tempos em que as relações presenciais estão ficando cada vez mais raras, em que as pessoas têm tão pouco tempo para prestar atenção no seu entorno, em que tantas distrações nos impedem de nos sensibilizarmos àqueles que nos cercam, é muito fácil ser influenciado pelas percepções que as grandes mídias nos passam sobre o outro. É nítido como há muita desconfiança, pouca paciência e até mesmo falta de disposição para se dialogar, ouvir e prestar atenção em alguém que pensa, se posiciona e se comporta de uma maneira diferente da sua. Isso sem dúvida torna mais difícil o convívio humano, e o apaziguamento de conflitos entre pessoas e povos tão distintos.

Nesse cenário, “Que monstro te mordeu?” está ensinando os mais novos (que estão formando suas primeiras percepções de mundo) a terem paciência e a despertarem um olhar sensível para aquele ser que, no primeiro olhar, pode parecer estranho. É uma série que valoriza a multiplicidade e as diferenças, que não devem ser empecilhos para o vínculo afetivo. Essa narrativa estimula a nossa vontade de nos aproximarmos de gente que vive de um modo diferente do nosso, de querer conhecê-las e de formarmos laços de união. Ao mesmo tempo, a série também instiga um olhar sensível da criança para si mesma, para seus próprios sentimentos, para seus impulsos mais profundos, que não devem ser ignorados, mas investigados com cuidado para se aprender a lidar com eles.

De tal modo, essa série aponta algumas possibilidades de fazer um conteúdo infantil de uma forma que pode ajudar os pequenos a lidarem com seus medos de uma

forma mais amável. Assim, os produtores de conteúdo, e todos aqueles que trabalham com crianças, podem ser instigados a pensar com cuidado sobre as narrativas que produzimos e transmitimos para os mais novos, sobre que tipo de percepções e modelos estamos passando adiante. E por fim, quem sabe, podemos nos inspirar, junto com o “Que monstro te mordeu”, a pensar em histórias infantis que estimulem as próximas gerações a quererem buscar por um mundo mais paciente e mais acolhedor no futuro.

REFERÊNCIAS

BAITELLO JÚNIOR, Norval. **A cultura do ouvir**. 1997. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/ouvir.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2017.

BETTELHEIM, Bruno, **A psicanálise dos contos de fadas**. Trad. Arlene Caetano. 34 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

CYRULNIK, Boris. **Do sexto sentido: o homem e o encantamento do mundo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

_____. **Os alimentos do afeto**. Trad. Celso Mauro Paciornik, São Paulo: Editora Ática S.A, 1995.

EIBL-EIBESFELDT, Irenäus. **Amor e Ódio**. Trad. Paulo Jorge Roovers de Almeida. 3 ed. Lisboa: Bertrand Editora, 1998.

GROEBEL, Jo. **Percepção dos jovens sobre a violência nos meios de comunicação**. Trad. Elizabeth Duarte. Cadernos Unesco Brasil. Série Direitos Humanos e Cultura da Paz; v. 1. Brasília: Unesco, 1998.

HILLMAN, James. **Cidade e alma**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo**. Trad. Maura Ribeiro Sardinha. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

ROMANO, Vicente. **Ecología de la comunicación**. Hondarribia: Editorial Hiru, 2004.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Trad. Jersua Pires Ferreira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.